

A felicidade para Aristóteles: uma atividade da alma, segundo a virtude perfeita, numa vida completa

A. RUZZA

Mestre em Filosofia pela USJT (Universidade São Judas Tadeu). Doutorando em Filosofia pela PUC/SP (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo). Docente do Curso de Filosofia, AREA de Educação, Centro Universitário Italo Brasileiro – Uniítaló, São Paulo – SP, Brasil

E-mail: antonio.ruzza@uniitalo.edu.br

COMO CITAR O ARTIGO:

RUZZA, A. **A felicidade para Aristóteles: uma atividade da alma, segundo a virtude perfeita, numa vida completa.** **Uniítaló em Pesquisa**, URL: www.uniitalo.com.br/portal/cepesq/revista_eletronica.html. São Paulo SP, v.6, n.2, p. 152-169, abr/2016.

RESUMO

Este texto trata do pensamento aristotélico sobre a ética, cujo objetivo é a felicidade do homem real (o cidadão da “polis”) e não ideal como em Platão. A partir da definição que aparece no título, foram esclarecidos os conceitos de ética, alma, virtude, felicidade. MacIntyre, um filósofo contemporâneo altamente influenciado por Aristóteles, na sua polemica anti-iluminista, resgata a ética aristotélica das virtudes, caracterizada pela visão teleológica do homem, visão que foi perdida a partir da Modernidade.

Palavras – chave: ética. virtude. alma. felicidade. razão.

ABSTRACT

This article analyzes ethics according to Aristotelian thought. Aristotle's ethical theory focuses on '*real man's*' – *polis* citizen – happiness, and it's opposed to Plato's theory of the '*ideal man.*' The concepts of ethics, soul, virtue and happiness in the article's title are clarified. MacIntyre, a contemporary philosopher highly influenced by Aristotle, in his controversial anti-illuminist theory, retrieved the ethics of Aristotelian virtues – characterized by men's theological vision, which was lost in modern times.

Keywords: éthics, virtue, soul, happiness, reason

1 INTRODUÇÃO

Este texto tem o objetivo de explicar resumidamente o pensamento aristotélico sobre a ética, cujo objetivo é a felicidade do homem real (o cidadão da “polis”) e não ideal como em Platão. Justifica-se este trabalho pelo fato de que a ética em geral é assunto de atualidade e eterno debate, e pelo fato que Aristóteles continua influenciando algumas teorias éticas contemporâneas, como aquela do comunitarista³ escocês MacIntyre. O estagirita identifica a ética com um conjunto de costumes, seguidos com uma certa frequência, então é um hábito, relacionado com a parte racional da alma, a qual permite controlar (mas não eliminar ou desconsiderar) as paixões, situadas na sua parte irracional.

Pelo uso da razão, a alma tem a tarefa fundamental de encontrar o justo meio, em cada situação, e isso permite o comportamento virtuoso, cuja consequência é a felicidade. Essa não consiste assim num estado psicológico momentâneo, mas é algo que dura a vida inteira, permitindo a realização completa do indivíduo e da função que a sociedade espera dele.

2 A ÉTICA NO MUNDO ANTIGO

A felicidade, pensada como “boa harmonia interna” (“eudaimonia”), é o objetivo da ética de Aristóteles, que na obra *Ética a Nicômaco* quis elaborar uma ética para o homem real (o cidadão da “polis”), o qual age não só pela razão, mas pelas paixões, que o deixam frágil e impedem um comportamento universal e ideal, conforme

3 O Comunitarismo é uma linha de pensamento social e político da segunda metade do século XX, que privilegia a comunidade (e os seus valores) e não o indivíduo, que é a marca do Liberalismo. Se desenvolveu sobretudo no mundo anglo-saxão.

elaborado por Platão. Por isso, Kant o acusou de retirar a autonomia do indivíduo, porque para o filósofo alemão a ética é um dever (imperativo categórico), cujo objetivo é a ação moral em si, e não algo vantajoso como a felicidade.

A partir do sétimo século, assistimos na Grécia a uma mudança de mentalidade, que poderíamos sintetizar como passagem do mito ao “logos”. No quinto século, a mudança é mais profunda e volta-se para o homem e a polis. Novos temas filosóficos adquirem importância, entre os quais aqueles ligados ao comportamento do homem livre. Os primeiros a levantar os problemas éticos foram os sofistas, do ponto de vista relativo e adotando um “logos” de persuasão (“doxa”, ou opinião provável). Eles não se preocupavam com o “ser”, mas com o “viver”, porque a virtude não era considerada inata e absoluta, mas era apreendida por meio da educação e da argumentação (ensino pago): o conteúdo variava conforme o ambiente e os costumes do ouvinte. Os sofistas opinavam que ser virtuoso é relativo e não existe critério nem prático, nem teórico, para definir a virtude, que não está nas coisas mas nos sujeitos (“o homem é a medida de todas as coisas”, que assim são conforme aparecem a cada um: esta é a famosa definição de Protágoras). Todas as opiniões são equivalentes. Sócrates, preferindo um “logos” de demonstração (“apodeixis”), criticava os sofistas, porque o relativismo não ajuda a descobrir o bem, nem como agir; é necessário achar definições e meios universais (as idéias de Platão), válidas em todos os contextos e épocas.⁴ A ética socrática é baseada na razão e pode ser resumida na seguinte colocação: o homem age retamente quando conhece o bem, e, conhecendo-o, não pode deixar de praticá-lo;

4 Vaz De Lima, H.C. Escritos de Filosofia IV, Introdução à Ética filosófica, p. 19.

por outro lado, aspirando ao bem, sente-se dono de si mesmo e, por conseguinte, é feliz.

Aristóteles aceita o universalismo de Platão: para o seu mestre, as ideias perfeitas (justiça, bondade, etc) têm somente fundamento metafísico, estão fora do mundo que é imperfeito, e podem ser conhecidas e praticadas (como cópia) por quem as procura (saindo da caverna), isto é, o filósofo. Mas o estagirita pondera que as ideias platônicas fornecem definições intelectuais, sem regras para a ação; para esta finalidade, as ideias devem estar no mundo prático, que sempre existiu e está em continua transformação. Desta maneira, ele retorna a um certo relativismo, (porque, como veremos, admite uma pluralidade de bens), mas diferente dos sofistas, porque é racional, por causa da atividade da alma: a educação não é suficiente para ensinar os valores, porque deve ser considerado o efeito das paixões. Assim, devemos nos contentar com soluções razoáveis (o justo termo).

Para Aristóteles, a ética é a ciência do “ethos”. Nos três tipos de conhecimento classificados⁵, a ética é incluída no saber prático, que está relacionado com o agir e implica uma escolha individual.

O “ethos” designa duas coisas: “o conjunto de costumes normativos da vida de um grupo social ... refere-se à constância do comportamento do indivíduo”,⁶ isto é, o hábito pela repetição de certos atos socialmente aceitos. Este hábito moral (“hexis”) é identificado com o caráter ou disposição ou personalidade do indivíduo, que não muda o

5 Theoria” ou contemplação sem ação (metafísica, teologia, etc.); “práxis” ou prática (política, ética); “poiésis” ou produtivo e técnico (artes, música, letras, retórica, etc.).

6 Vaz De Lima, H.C. Escritos de Filosofia IV, Introdução à Ética filosófica, p. 13

tempo todo. Nesse sentido diremos que ele é ético, porque ao seu agir são “confiada a edificação e a preservação da nossa verdadeira residência no mundo como seres inteligentes e livres: a morada do “ethos” cuja destruição significaria o fim de todo sentido para a vida propriamente humana”.⁷ O habito (sendo ação) é o oposto das paixões, que o homem não produz pela sua vontade, sendo obrigado a sofrer a sua interferência. É uma aquisição que permite uma forma superior e plena de excelência do individuo e o leva à virtude. O “ethos” é social e objetivo, mas se realiza só na “práxis” do sujeito. É uma forma de conhecimento, por isto Aristóteles define a ética como “ciência” real: quando acumulada qualitativamente e organizada, constitui um saber (que pode ser transmitido).

3 A ALMA

Para analisar a definição aristotélica de felicidade (“um ato da alma, segundo uma virtude perfeita, numa vida completa”), devemos explicar o significado de cada termo, e começaremos pela alma.

Para Aristóteles, o hábito está ligado à alma. Esta não é algo espiritual, mas material: anima o corpo fisicamente e mentalmente, rege o movimento; é indivisível, mas tem duas partes ou funções: razão e opinião (capacidade intelectual e ética).

A parte racional possui um lado intelectual (que se ocupa dos objetos invariáveis da física, matemática, metafísica) e um lado

7 Vaz De Lima, H.C. Escritos de Filosofia IV, Introdução à Ética filosófica, p. 13

deliberativo (relacionado aos objetos variáveis da ética e da política). A outra parte é sensitiva e vegetativa, isto é, irracional.

O hábito está relacionado com a alma racional, então não somente com a moral ou lado deliberativo (verdade da ação), mas também com o lado intelectual (verdade teórica). Existe também uma ligação com a alma sensitiva (irracional), onde estão as paixões. Então, para praticar o bem, não é suficiente conhecê-lo por meio da parte racional da alma (posição platônica ou conhecimento metafísico); é necessário considerar o efeito dos sentimentos (medo, raiva, etc.) dos quais a alma racional não é responsável. Por exemplo, “o homem que tem medo de tudo e de tudo foge, não enfrentando nada, torna-se um covarde; e de outro lado, um homem que não teme absolutamente nada e enfrenta todos os perigos, torna-se temerário”.⁸ A alma deve conhecer o bem, mas avaliar o medo, encontrando o justo termo (como será explicado mais em frente).

4 A VIDA COMPLETA

A felicidade (o objetivo da vida humana, que deve ser realizado eticamente) não é transitória ou mutável (como a consideramos hoje), porque seria um simples estado psicológico. Ela perpassa a vida toda; não é inata, mas acrescentada à natureza do indivíduo, que deve mantê-la. Um ato de bem, repetido varias vezes pelo hábito, fica “colado” à alma e se torna uma virtude: ser virtuoso é fazer algo

8 Aristóteles, *Ética a Nicômaco*, livro II, p. 42.

compatível com a alma,⁹ mas acompanhado pelo conhecimento teórico e durante a vida inteira. Assim, é alcançada a plenitude da felicidade.¹⁰ Contemporaneamente, devem existir condições para alcançar este objetivo: estar bem fisicamente, não ter preocupações de qualquer tipo, ter liberdade, etc.

5 A VIRTUDE PERFEITA

Aristóteles desenvolve a doutrina do “meio termo”, baseada na justa razão. Significa que não deve existir nem falta, nem excesso no comportamento ético. O problema é que o meio termo não é algo objetivo como na matemática ou na técnica: é relativo não tanto às coisas, quanto às pessoas, que devem julgar e deliberar a cada caso concreto, calcular as circunstâncias e os efeitos, utilizando a justa razão. Por exemplo, a quantidade de alimento de um atleta é diferente da de uma pessoa comum; cada um deve achar o seu meio termo.

A virtude se associa ao escopo: uma ação é boa ou má conforme as consequências produzidas. Em quanto nas atividades da alma relacionadas com “theoria” e “poiesis” o erro é admissível (porque pode ser corrigido depois), isto não é permitido na “práxis”, porque na moral se deseja atingir a plenitude da virtude (“arethé”), que permite a realização de toda potencialidade da alma. O seu oposto é o vício, que é

9 Isto porque “na alma se encontram três espécies de coisas: paixões, faculdades e disposições” (Aristóteles, *Ética a Nicômaco*, livro II, p. 46). A virtude será incluída nas disposições.

10 Aristóteles concorda com o fato de que ninguém sente prazer em continuação. A explicação é que ninguém é capaz de uma atividade contínua (Aristóteles, *Ética a Nicômaco*, livro X, p. 223).

mais difícil de perder ou corrigir, quando enraizado: por isto deve ser evitado desde o início. Os vícios cegam as finalidades da ação ética, porque procedem de um prazer ou sofrimento fora do meio termo, perto de um dos extremos, então provocam o erro.

A sabedoria prática (ou ciência da “práxis”), não vem da natureza ou do aperfeiçoamento da técnica, mas da observação do comportamento das pessoas e do uso de um discurso racional. Ela é uma virtude porque “é uma capacidade verdadeira e raciocinada de agir ... relaciona-se com as coisas humanas que podem ser objeto de deliberação”.¹¹ Ela fica mediando o hábito social e o individual; não visa ao objeto, mas à ação em si mesma; está identificada com a prudência (“sophrosine”).¹² Isso cria um modelo que deve valer para todos: deve prevalecer a excelência da escolha, pela prudência e inteligência. O prudente não fornece regras, ensina um método (para manter a liberdade do sujeito, que não deve seguir o prudente mecanicamente) e calcula por si o justo termo. Isso cria uma lei, universalizando certas situações concretas, em que o prudente escolhe um comportamento.

Aristóteles afirma que o bem (“agathon”) é um ato da alma deliberativa (que procura a verdade prática e não a contemplativa): o homem tem capacidade interior para agir conforme critérios éticos, de acordo com a virtude, ou melhor, segundo a virtude, que é justamente uma disposição ou inclinação da alma. Ele pode concluir que “não é

11 Aristóteles, *Ética a Nicômaco*, livro VI, p. 133. O estagirita destaca que a sabedoria prática tem um objeto diferente das outras sabedorias (política, filosófica, etc.)

12 A prudência é normalmente associada à cautela, mas para Aristóteles abrange também a capacidade de ser audacioso quando necessário.

possível ser bom, no sentido estrito da palavra, sem sabedoria prática, nem é possível ter esta sabedoria sem ter a virtude moral".¹³

Existe uma virtude perfeita para cada alma, e Aristóteles apresenta três significados para o termo "perfeito": aquele que inclui todas as outras virtudes (tese inclusivista); aquele que considera as virtudes necessárias para a auto-suficiência (tese inclusivista reduzida); aquele que considera que cada virtude não se reduz à outra, precisando escolher a melhor, para chegar ao primeiro bem (tese dominante).

Depois, Aristóteles considera três tipos de bens, que todos desejam: aqueles que são desejáveis em vista de outros (são meios; por exemplo, a riqueza, o prestígio); os bens em si, buscados somente em certas situações (prazer, conhecimento etc.); o bem supremo além do qual nada se busca (conhecimento do primeiro motor).¹⁴ A definição de felicidade comporta que: o homem não precisa escolher um tipo de bem; a virtude perfeita não está no nível da escolha; precisa chegar ao bem supremo sem excluir as outras virtudes que permitem esta chegada (parece a tese inclusivista e dominante). Em outras palavras: os dois primeiros bens estão no nível prático, inferior ao terceiro que é teórico; conhecer esse último não é suficiente para ser feliz, se não praticamos os outros dois corretamente; o indivíduo dominado pelo vício acaba afastando-se de bem supremo ou pleno bem-estar, ou boa vida, ou felicidade.

Voltemos à definição de felicidade. Estão esclarecidos os termos: "alma", "perfeito" e "vida completa"; falta definir melhor a virtude.

¹³ Aristóteles, *Ética a Nicômaco*, livro VI, p. 144.

¹⁴ Loria, M. *La actuación racional y el bien humano*, p. 53.

Ser virtuoso significa agir conforme cada um está programado para uma (ou mais) função específica, pelo exercício da razão;¹⁵ a ação é moral se acompanhada de razões ou explicações e o motor disso é o hábito. Assim, as virtudes não nascem no homem pela natureza, mas pelo hábito: esta é uma disposição criada na alma que gera a mesma ação em situação semelhante. Ninguém nasce bom ou mau¹⁶; pode mudar os hábitos adquiridos, mas mais facilmente em direção negativa (da virtude para o vício).

A única essência do homem é ser racional, tudo o resto é adquirido (pela educação, pelos exemplos na polis, pelo ambiente) com o auxílio da razão e mantido pelo hábito, que se instala na alma. O caráter potencial é dado ao homem no sentido de escolher o meio termo (em relação ao sujeito, não ao objeto), entre excessos opostos. Exemplo: para ser gentil, não precisa ter a gentileza inata; é necessário conhecer atos gentis e praticá-los, descobrir o meio termo e transformá-los em hábitos. Podemos definir a virtude como uma disposição de caráter, que age pelo hábito, depois de ter escolhido pela razão o meio termo.

6 A FELICIDADE

15 Por exemplo, no caso de um cidadão da polis, as funções eram: ser patriota, ser bom pai de família, participar das atividades públicas, ter um círculo de amigos, etc. É isso que os outros esperavam dele. Os fatos (os seus comportamentos) eram a prova da sua virtude. Assim, o cidadão realizava, pela virtude, o seu “telos”.

16 Eventualmente ele nasce com certas qualidades que não estão ligadas à ética: por exemplo, um indivíduo pode ser antipático, e mesmo assim, agir moralmente.

A felicidade implica duas faculdades ou atividades da alma: a racional e a das paixões. A perfeição do ato não é moral em si, é uma atividade que deve ser feita da melhor maneira possível, o que permite atingir a felicidade.¹⁷

Virtude moral é agir com base na razão ou não sem razão: isso é possível pelo hábito, dispositivo desenvolvido na alma, que permite repetir atos em situações parecidas. Assim, um homem se torna justo pela prática constante de atos justos. A virtude é ligada a uma escolha deliberativa e reflexiva (porque ponderada, caso a caso) do meio termo, contra os dois extremos: falta e excesso. Não existe uma regra fixa. Este meio termo é a marca do prudente, que considera vários elementos e fatores (valores do grupo, conveniência para a polis, sentimentos pessoais, etc), mas não é repetição mecânica do seu comportamento: o meio termo está em relação a cada um.

O homem é dono do início da cadeia dos hábitos, que podem ser bons (virtudes) ou maus (vícios). Ele deve realizar-se virtuosamente naquilo que lhe é mais natural: a razão. Esta dirige o seu cotidiano, para lidar com as paixões, criar os hábitos e escolher o meio termo. O homem deve manter-se vigilante, porque é fácil desviar-se e perder os hábitos bons. Desta maneira, ele viverá bem e será feliz a vida inteira.

Para Aristóteles, o homem não escolhe os fins, mas os meios: por exemplo, um médico não delibera se cura ou não, escolhe o meio para melhor tratar o doente. Os meios podem constituir uma sequência temporal ou uma ordem de interesses. Numa cadeia de escolhas, o fim

¹⁷ Exemplo: um cavalo de corrida é virtuoso se correr o máximo que puder; não importa se perde.

pode ser o ponto de partida (meio) de uma outra cadeia, e assim na sequência, até chegar ao ultimo fim, que é a felicidade.

Aristóteles valoriza a dinâmica das paixões, que não podem ser sufocadas. O sujeito deve dialogar com as paixões (como o governante o faz com os cidadãos), argumentando em cada situação concreta e escolhendo os meios para alcançar o justo termo: é um exercício da liberdade. Esta é a marca do indivíduo na vida na “polis”: a excelência do seu caráter está em relação com a sua cidade, único lugar onde ele poderá realizar-se de forma plena e auto-suficiente.

7 A INFLUÊNCIA DE ARISTÓTELES NA CONTEMPORANEIDADE

O estagirita sempre foi um referencial nas discussões sobre ética ao longo da história da filosofia, como fonte de inspiração ou objeto de críticas. Recentemente, foi resgatado pelo filósofo escocês Alasdair MacIntyre na obra *Depois da virtude* de 1981. Ele aposta na teoria aristotélica das virtudes como alternativa à moral da modernidade que ele julga caótica, individualista e fragmentada, como consequência do pensamento iluminista (kantiano em particular), que acredita num sujeito abstrato portador de direitos naturais; que aposta demais na autonomia deste sujeito; e acaba num individualismo danoso à comunidade.¹⁸

18 Politicamente, esta situação é típica do liberalismo, em todas as suas tendências.

Em concordância com Aristóteles, MacIntyre entende que os homens possuem uma natureza específica que o leva a um telos específico, esquecido pelos filósofos modernos, que entendem que o telos privaria o sujeito de sua autonomia e o deixaria nas mãos da sua natureza. Para o filósofo escocês, o indivíduo tem uma função em uma comunidade histórica, que não pode ser eliminada. A ciência que permite o conhecimento dos bens (e dos males) é a ética, conforme concepção aristotélica.

A ética deve compreender a natureza do homem (incluindo a parte biológica) e o seu telos, e descobrir o que fazer na prática em vista deste objetivo. Mas não pode ser esquecido (aliás, é fundamental) o fato que este homem está inserido em um momento histórico e em um contexto social, no qual ele exerce certos papéis sociais. No caso da polis aristotélica, eles eram: ser cidadão participativo nos assuntos públicos, guerreiro para defender a pátria, bom pai de família, etc. Isto é o que a comunidade espera dele, e ele deve agir em função disso, porque possui várias funções específicas, a ser conciliadas com os seus planos pessoais (que nunca deverão estar em oposição aos papéis sociais). MacIntyre chama isso de prática: “uma forma de atividade humana cooperativa, socialmente estabelecida, com determinados modelos de excelência, autoridades e bens”.¹⁹ A moral pode ser apreendida lentamente, aperfeiçoada e exercida somente numa comunidade,²⁰ da qual se compartilham

19 MacIntyre, A. *After Virtue*, p. 187

20 E nunca por um indivíduo isolado ou autônomo, anterior a uma atividade prática, limitado a uma introspecção, como defendem Descartes ou Kant, caindo numa espécie de solipsismo. É também conhecida a avaliação negativa que Aristóteles faz do homem que vive isolado ou fora da polis: ele é quase um animal, que vai

crenças e valores. É nela²¹ que é possível distinguir racionalmente quais são os bens e o “telos”, e florescer, buscando e realizando a excelência.

Os bens são algo que beneficia e aperfeiçoa o ser humanos.²² São classificados em externos (ou de eficiência) e internos (ou de excelência). Os segundos são mais importantes e são alcançados por uma ação excelente de um indivíduo dentro da prática comunitária: a excelência não deve estar a serviço de interesses particulares. As virtudes são aquelas que permitem obter só os bens internos. Por isto, não devem ser confundidas com as habilidades profissionais, que permitem a ação eficaz para obter um sucesso particular, que é um bem externo. A razão deve estar a serviço da busca de um bem que é ao mesmo tempo um bem interno do indivíduo e um bem comum dos outros indivíduos da comunidade. Eventualmente, os bens externos (como os bens materiais) são um meio para conquistar os bens internos, que são um fim em si mesmo.²³

Existe também o bem supremo ou fim último, que é a vida boa ou felicidade. Mas em que consiste na prática? Sabendo que é difícil dar uma resposta universal, MacIntyre chega a uma conclusão

contra a sua natureza (de ser social).

21 A comunidade, por este caráter homogêneo e duradouro, não pode ser confundida com a sociedade (marcada pela diversidade) ou com as associações (ligações provisórias ou movidas por interesses particulares, mas não pela comunhão de valores).

22 Por exemplo, a inteligência é um bem que leva à verdade e ao conhecimento; o alimento adequado traz a saúde do corpo; o exercício da sexualidade leva à manutenção da vida.

23 Loria, M. La actuación racional y el bien humano, p. 60-63.

paradoxal: a vida boa consiste em buscar a vida boa, durante a vida inteira.²⁴ Ela não é boa, quando não buscamos mais nada, por resignação ou porque vítimas da opressão; quando não temos a virtude da constância de perseguir um fim, apesar das dificuldades objetivas encontradas a cada momento. Este é o “telos” humano, conforme a sua natureza racional: a busca do bem supremo.

8 CONCLUSÃO

Para Aristóteles, as virtudes são um conjunto de habilidades e inclinações que têm três funções: permitem distinguir os diversos tipos de bens; possibilitam alcançar a excelência nas práticas comunitárias; ajudam a descobrir o telos humano. Afinal: viver bem e ser feliz. Concordando totalmente com isso, MacIntyre substitui a ética das regras²⁵ pela ética das virtudes, que considera a função que cada indivíduo tem na comunidade.

Fica assim confirmada a validade e a influência do pensamento ético aristotélico na contemporaneidade.

24 Loria, M. La actuación racional y el bien humano, p. 69.

25 Trata-se da ética iluminista em geral e particularmente kantiana, que parte de um princípio geral (descoberto pela reflexão) que não pode ser demonstrado, mas pode ser facilmente aceito por todos. MacIntyre considera que este princípio é arbitrário; o único referencial ou ponto de partida que pode ser aceito é a prática comunitária, que está aí, historicamente comprovada, e pode ser continuamente atualizada ou modificada, conforme as novas visões de mundo e os progressos sociais e técnicos.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES, **Ética a Nicômaco**. São Paulo: Martin Claret, 2005.

BERTI, E. **Aristóteles no século XX**. São Paulo: Loyola, 1992.

LORIA, M. *La actuación racional y el bien humano*. In: **Pensando**, v. 6, n. 11. Teresina: Edufpi, 2015.

MACINTYRE, A. **After Virtue: a study in a moral theory**. 3. Edição. Notre Dame (Indiana): University of Notre Dame Press, 2007.

MACINTYRE, A. **Depois da virtude**: um estudo em teoria moral. Bauru: Edusc, 2001.

VAZ DE LIMA, H.C. **Escritos de Filosofia IV, Introdução à Ética filosófica**. São Paulo: Loyola, 2001.